



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

REIS, Karina; VOLPI, José Henrique. Compulsão alimentar: a fome emocional. Uma abordagem reichiana no comportamento alimentar. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, p. 67-74. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

COMPULSÃO ALIMENTAR: A FOME EMOCIONAL. UMA ABORDAGEM REICHIANA NO COMPORTAMENTO ALIMENTAR

Karina Reis
José Henrique Volpi

RESUMO

Os índices crescentes de obesidade podem se tornar premissas para repensar o que vem levando o ser humano a ingerir mais alimentos do que realmente precisa fisiologicamente e, nessa linha, pensar até onde a fome é orgânica ou uma busca de suprir sentimentos muitas vezes sufocados pelos afazeres e distrações do dia a dia. Nessa ótica, esse estudo vem para iniciar uma busca entre estatísticas e sensações, teorias e reações. Mas vem, sobretudo, para, através de estudos de Reich, Navarro e Lowen, encontrar interconexões no que se refere às questões emocionais e à história que cada indivíduo carrega por trás do seu comportamento alimentar.

Palavras-chave: Alimentação. Amamentação. Compulsão. Obesidade. Psicoterapia. Reich.

Havia um tempo em que o primeiro contato do bebê com a mãe e o ato de amamentar era na maioria das vezes imediato. Entretanto, com as devidas mudanças sócio-históricas, avanços tecnológicos e toda metamorfose estrutural familiar, a vinda ao mundo também teve suas alterações. O parto em si tornou-se um evento muitas vezes pré-agendado, planejado e preparado, levando a um distanciamento maior no primeiro momento entre mãe e filho, trazendo uma quebra no encontro entre o bebê e a mãe. Então, aquele bebê, que até o momento do nascimento fazia parte da mãe, recebendo alimento e oxigênio, nasce e é afastado repentinamente, o que provoca uma quebra, iniciando um encontro frio com o mundo. Somente horas depois o bebê pode retornar ao colo da mãe e, então, quando ocorre, ter seu contato mais íntimo através do sugar da amamentação.

O nascimento é a ejeção literal do paraíso, para todas as pessoas. Para a maioria dos seres humanos, o período dentro do útero é concebido como uma benção atemporal. Todas as necessidades do ser são satisfeitas, o conforto está assegurado. A vida cresce e amadurece sem esforço algum. Não existe sequer a necessidade de respirar, pois o oxigênio é fornecido pelo sangue da mãe. Depois, de repente, tudo isto termina e a criança encontra-se num mundo frio, onde cada vez mais sua vida depende de seus próprios esforços. Esse esforço não é sempre imediatamente bem sucedido. Existem dor e prazer; este último sempre foi representado, nos primeiros dias de vida, pela proximidade da mãe; a dor, pela separação (LOWEN, 1986. P. 69).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

REIS, Karina; VOLPI, José Henrique. Compulsão alimentar: a fome emocional. Uma abordagem reichiana no comportamento alimentar. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, p. 67-74. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

Em centros cirúrgicos, a todo tempo cesarianas acontecem, e o primeiro contato do bebê com o mundo externo se dá pela luz forte em seus olhos, o colo do médico responsável, inúmeros exames em seguida, mais alguns colos, para então, finalmente, o bebê poder sentir o cheiro da mãe e se aconchegar em seu afeto, que, mesmo com toda mecânica desse novo nascer, existe ali por vezes, em uma mãe disponível emocionalmente e receptiva. Mas em seguida, mais uma vez o bebê é retirado e levado à outra sala com luzes fortes, inúmeras pessoas, curiosos, outros bebês, outras famílias, e mais tarde, mais uma vez ao encontro da mãe. Nesse vai e vem acontece a primeira busca do bebê pela mãe, o encontro e o acolhimento, o aconchego e o primeiro passo em seu desenvolvimento, levando este ser a um ponto crucial em sua jornada pela existência, de olhar e encontrar, de sentir e receber, de busca e ganhar. Num primeiro momento é sempre um retornar para a mãe, para o calor que remeterá ao útero, um colo, e então um elo, que se dará de forma fortalecida e seguirá muito presente pelo primeiro ano de vida, distanciando-se naturalmente ao longo do desenvolvimento físico, emocional e social. Entretanto nem sempre é assim, pois pode ocorrer muitas vezes um distanciamento maior, uma frieza, e por vezes rejeição declarada por parte da mãe, a ausência do pai, necessidades de afastamento por diversos motivos, os quais trarão a esse ser que acaba de chegar marcas emocionais que o acompanharão por toda sua existência.

Sabemos que ao longo dos anos as taxas de partos naturais caíram e os partos cesarianos, muitas vezes sem necessidade, aumentaram drasticamente. A Organização Mundial da Saúde (OMS) divulgou em 2015 uma declaração em que prevê e instrui que as taxas de partos cesarianos não passem de 15%. Considera que seja justificável tal prática com o benefício à saúde do bebê e da mãe, sugerindo o parto normal e apontando que os partos cesarianos acarretam complicações futuras ao estado psicológico e físico do bebê. (CLASSIFICAÇÃO de Robson em prol da redução de Cesarianas. 2014)

Não que haja de fato uma época melhor ou pior, uma situação mais adequada ou menos adequada, mas essa alteração no processo de nascer aumentou a quebra de contato com a mãe, e com isso, aumentou também o número de bebês que não mamam no seio, ou que têm essa amamentação por um curto período de tempo. E como num efeito dominó, essas crianças são levadas à ingestão de leite animal – sim, o leite da vaca, que deveria ser dado ao bezerro –, ou o prático leite de caixinha ou de lata, esse produzido nas indústrias, carregado do toque frio das máquinas, cheio de açúcares e mil e uma vitaminas sintéticas.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

REIS, Karina; VOLPI, José Henrique. Compulsão alimentar: a fome emocional. Uma abordagem reichiana no comportamento alimentar. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, p. 67-74. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

Não me assusto quando olho para a quantidade de cesárias versus a quantidade de partos naturais, e comparo isso ao crescimento da obesidade em todo o mundo. Existe há alguns anos, um movimento da OMS que, através de pesquisas, verifica o crescimento de partos induzidos versus índices de natalidade e mortalidade, e, com isso, busca através de campanhas de elucidação, construir uma retomada da naturalidade, que pode vir para aproximar esse primeiro contato entre mãe e bebê.

[...]A classificação de Robson que é uma ferramenta que categoriza as mulheres em dez grupos baseados em suas características obstétricas, sem necessidade de incluir a indicação da cesárea. Se usada de forma contínua, esse sistema de classificação pode prover uma avaliação criteriosa do cuidado dispensado às mulheres no momento do parto e ser usada para mudança de suas práticas. Neste sentido, a OPAS/OMS no Brasil segue estabelecendo esforços e ações em cooperação técnica com o Ministério da Saúde objetivando a redução das taxas de cesárea no Brasil e vai colaborar técnica e cientificamente para que essa classificação possa ser implementada entre os atores envolvidos na atenção obstétrica no país[...]. (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAUDE. Declaração da OMS sobre tratado de Robson. 2015)

Trazendo isso aos traços de caráter de Reich (1935), podemos dizer que essa alteração e frieza de processos pode determinar ao recém-nascido um bloqueio energético de segundo nível, levando esse indivíduo a uma estagnação energética na região da boca, pescoço e até mesmo peito e diafragma, pois não podemos esquecer que a boca faz parte de todo o sistema digestório e o sugar ativa não somente boca e maxilar, mas também os olhos quando busca o contato com a mãe pode encontrar ou não, o esôfago e todo aparelho digestório trabalhando em prol do receber o leite, o peito e o diafragma que quando recebe o leite em contato com a mãe, tem seu relaxamento promovido.

Dando continuidade do trabalho de Reich, Navarro(2013), considerou que a história do ser passa da fecundação ao período de gestação, havendo dentro desses meses fases cruciais do desenvolvimento emocional, indo para a fase do nascimento e primeiros dias, caminhando então para as demais fases de crescimento e desenvolvimento.

O caráter oral no sentido pleno do termo, na realidade não existe: comportaria um estado de depressão estável, cujo modelo reencontramos na depressão dos latentes, que conduz à morte. Em vez disso, devemos falar de traços carateriais orais, individualizáveis em cada tipo caraterial e, em psicopatologia, especialmente nas formas de anorexia mental. Esses traços de tipo oral têm origem nos primeiros três ou quatro meses de vida e podem conduzir a situações psicóticas quando há um fluxo energético na direção dos olhos, ou pode ocorrer em formas borderline se, ao contrário, a situação energética se deslocar para o nível do pescoço e do tórax alto. (NAVARRO, 2013, p. 55).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

REIS, Karina; VOLPI, José Henrique. Compulsão alimentar: a fome emocional. Uma abordagem reichiana no comportamento alimentar. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, p. 67-74. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

Nasceria aí o primeiro ponto que poderia levar um indivíduo a distúrbios alimentares?

Quando não se encontra no leite materno o calor da mãe, cabe ao bebê suprir tal necessidade em um processo de autorregulação, satisfazendo-se em si, seja através de uma mamadeira ou no contato mais próximo com outra pessoa que pode estar no papel de cuidador. Ocorrendo a inexistência deste, nasce um recalque de sua necessidade, e indubitavelmente um esfriar, um congelar de sentimento, criando seus engates nos níveis de boca e pescoço, sendo possível a outras mais partes do corpo.

Uma vez no início da vida a identidade da criança é basicamente uma identidade corporal, a qualidade do contato físico entre mãe e filho irá determinar o sentimento desse em relação ao seu corpo, bem como a natureza de suas respostas às situações de vida. Braços quentes, delicados e firmes dão à criança um sentimento de prazer em seu corpo, e reforçam seu desejo de contato posterior com o mundo. A maneira de uma mãe olhar para seu filho, terá um importante efeito sobre a responsividade dos olhos da criança. (LOWEN, 1979, p. 80).

Distúrbios alimentares (aparentes ou não, de falta ou excesso alimentar), alteração de pH sanguíneo, seguidos de doenças físicas, caminham junto com os engates emocionais que o indivíduo constrói em sua jornada na vida. Defesas como se alimentar em excesso ou não se alimentar podem salvá-lo de viver essa vida, mas podem também trazer um alto preço para sobreviver. Isso pode aparecer de maneira mais acentuada em determinadas fases da vida. No início da puberdade, ao entrar na faculdade, no término de um relacionamento, na saída dos filhos de casa, ao chegar na terceira idade são alguns dos momentos cruciais na vida do ser que ocupa um papel múltiplo na sociedade e precisa lidar desde cedo com cuidar de diversos compromissos, que muitas vezes, na ausência do colo emocional, encontra consolo na alimentação.

Atendo um caso há aproximadamente dois anos, e a queixa dessa pessoa sempre foi o excesso de peso. Queria emagrecer, pois não se sentia feliz em ter aquele corpo. Num trabalho voltado a entender e captar o que de fato essa pessoa estava ingerindo, quando comia compulsivamente até se sentir cheia, pudemos, ao longo desse processo, compreender que muito mais do que se sentir bonita, o que essa pessoa buscava era fazer parte. E não se sentindo parte, comia e assim se aquecia do frio emocional que sentia.

Recordo-me que em uma das sessões, num exercício de dizer “Não”, a mesma reagiu como se fosse sufocar, instigada a colocar para fora, e o “Não” saiu como se fosse vomitado;



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

REIS, Karina; VOLPI, José Henrique. Compulsão alimentar: a fome emocional. Uma abordagem reichiana no comportamento alimentar. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, p. 67-74. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

seguido dele, o choro forte tomou conta, permitindo vir uma vibração no corpo inteiro, trazendo um descarregar de anos de engolir raiva, medo, angústia e solidão.

Em alguns momentos, trabalhamos com a expressão na cor, no papel, através de desenhos, e pude sentir de que muito mais do que carregar o peso da gordura em seu corpo, esta paciente percebia que estava carregando o peso de não conseguir existir no mundo em que vivia. Repetindo os desenhos no espaço de seis meses, tempo em que aconteceu um emagrecimento de mais de 20 kg, veio também a percepção de que naquele ponto de sua caminhada, encontrava-se com menos pessoas ao seu redor, mas se sentia pertencendo e se posicionava com mais força e vitalidade em seu sentir. Recordo-me de uma percepção que minha paciente trouxe, ao se olhar no espelho: “Hoje me olho no espelho e me sinto pequena e a estranheza que tenho é de que embora eu esteja pequena, me sinto cada vez maior emocionalmente. Isso me traz a certeza de que não sou mais a mesma”.

Essa paciente tinha momentos de compulsão alimentar e houve pontos sensíveis nesse aspecto ao longo de sua vida. Travou uma verdadeira briga entre a vaidade e a necessidade, o vazio e a busca do calor, que muitas vezes foi suprido pela comida em seus tantos momentos de compulsividade. A compulsão alimentar tem uma característica de desencadear um impulso no indivíduo de comer até encher, e de em seguida não se esvaziar como em outros tipos de distúrbio alimentar. O compulsivo alimentar come para se sentir e se manter cheio. Sensações, emoções fizeram parte de sua história e do seu escape diante do medo, da insegurança e da cobrança que dela fez companhia.

Fatores como a ausência do desejo dos pais na concepção, bem como indisponibilidade emocional, pressa ou não gosto pela amamentação, encorajamento e fé nos filhos, ausência emocional dos pais (leia-se pai e mãe) são fundamentais para que indivíduos se vejam em quadros de vazios emocionais, que são muitas vezes supridos com alimentos, bebidas, vícios e drogas.

Todo o contexto histórico, nas pesquisas, encaminha a pensar que o aumento do número de casos de obesidade está diretamente ligado a alteração sócio-familiar marcada pelo tempo entre nascer e o primeiro contato, pela disponibilidade emocional da mãe com aquele bebê, somando-se a novas constituições familiares.

Além do elevado número de ocupação profissional das pessoas que, sentem estar produzindo, ou sentem precisar produzir mais, mas em troca estão cada vez mais ocupados



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

REIS, Karina; VOLPI, José Henrique. Compulsão alimentar: a fome emocional. Uma abordagem reichiana no comportamento alimentar. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, p. 67-74. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

mentalmente, desconectados do mundo real, sem perceber o que levam à boca, buscando apenas tapar os buracos que o corpo grita em fazer existir.

A correria do dia a dia e ausência emocional e conexão consigo estabelece cisões entre o ser e o ter, desconhecendo suas necessidades mais básicas e deixando de refletir e de sentir sobre o que exatamente estão querendo e precisando.

Verdadeiramente tratam-se de buracos emocionais, ancorados e fixados em toda a estrutura muscular corporal.

Recordo-me da paciente mencionada acima dizer que o momento em que mais sentia fome era no período da noite, quando chegava em casa. Nesse momento em que parava de exercer suas atividades, parava de fazer, sozinha, também se obrigava a sentir, olhar para si e silenciar. Algumas sessões depois, trouxe ao consultório a percepção de que esse era o momento em que mais se sentia ansiosa, e essa ansiedade era o alarme da sensação de solidão, medo e tristeza que tomava conta dela.

Hoje é bem difícil encontrar uma pessoa que não tenha traços orais, que tenha superado plenamente a fase oral, ligada à boca; qualquer situação de depressão, de frustração, de perda afetiva provoca sempre uma reemergência de traços orais. É difícil, de fato, que se verifique uma aceitação da realidade frustrante de forma tão total. (NAVARRO, 2013, p. 62).

A busca pelo estado de equilíbrio, que muitas vezes é traçado ao longo da jornada, pode levar a um nível de consciência maior, a um nível de percepção de que de fato não apenas a vaidade, a importância estética tem valor, mas sim, resquícios de uma história marcada por bagagens que em determinados momentos se tornaram mais pesadas, desencadeando defesas e maneiras de superar momentos de stress emocional, levando a busca de “alívios” através de preencher vazios com excesso de comida, que por hora auxilia, mas em contraponto destrói. Enxergar e aceitar que é possível caminhar com passos diferentes, vivendo o dia a dia para cuidar mais de si, absorvendo uma nova verdade, faz aparecer também o aceite e o pedir ajuda, e encontrar colo em outras formas de carinho. É possível, ao longo desse despertar, perceber que a fome não era orgânica e sim emocional; que o desejo, anseio e pressa em colocar algo para dentro vinha carregado de emoções diversas como ansiedade, tristeza, medo e raiva.

O buraco nos sentimentos é a sensação de vazio interior de que se queixam muitos indivíduos, principalmente pessoas com uma estrutura de caráter oral. O buraco no corpo é uma falta de sensações na barriga. Já descrevi como nos casos de caráter oral a energia se retira do seu ponto na cabeça para o centro



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

REIS, Karina; VOLPI, José Henrique. Compulsão alimentar: a fome emocional. Uma abordagem reichiana no comportamento alimentar. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, p. 67-74. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

do corpo. Ela não flui nessa região para as partes inferiores do corpo. Permanece na seção média por causa do medo – um medo inconsciente – de que não haja algo para se apoiar, nada ou ninguém para ampará-la se ela deixar o fluxo passar. Como resultado dessa barragem a parte inferior do corpo fica desenergizada, o que contribui grandemente para a sensação de insegurança. E o ventre que contém as vísceras, perde as sensações ou a carga energética. Quando o sentimento está ausente ali, é como se não tivéssemos vísceras quando estamos sobre os pés ou tomando uma posição na vida. O ventre vazio, o profundo medo de não ter “estômago” ou de que nunca se será capaz de se colocar contra uma crise é uma falha da personalidade. (LOWEN, 1983, p. 38).

Entender o que leva a entrar em surtos de compulsão alimentar é também entender o que se sente, como se reage, transmutar comportamentos e adquirir novos hábitos, trazendo a si mesmo para uma esfera mais pura e consciente sobre quem se é, e o caminho real da cura. “Somos criaturas do hábito: nossos corpos e nossos comportamentos tornam-se estruturados pelas situações, fazendo com que seja difícil nos adaptarmos a corpos e comportamentos diferentes.” (LOWEN, 1986, p. 47).

Num projeto terapêutico, é possível conduzir o paciente, através da psicoterapia corporal, a um estado de maior percepção de si mesmo, auxiliando-o a uma redução da cisão que ocorreu entre seu corpo e suas emoções: a respiração mais efetiva, o fluxo energético, o enraizamento contribuirão para seu crescimento e maturação emocional. E no anseio de obter um preenchimento não mais material, mas sim emocional, o terapeuta, com o aceite do paciente, pode caminhar em direção ao descongelamento de tais emoções. “Sentir-se completo é sentir-se preenchido e isso significa um ventre cheio, seja de comida ou boas sensações.” (LOWEN, 1986, p. 39).

O aspecto psicológico da alimentação envolve igualmente o alimento a si mesmo, que deveria ter um gosto agradável para que comer fosse um prazer. A preparação e o ambiente no qual se faz a refeição tem também sua importância: as refeições preparadas em série, engolidas rapidamente e de pé, implicam movimentos musculares parasitas e uma dispersão de energia que perturbam a assimilação e que, com o tempo, favorecem aparecimentos de problemas no sistema digestivo. (NAVARRO, 2013, p. 56).

Excesso de vaidade, cuidados exagerados com a estética, mas mais especificamente “bengalas” vestidas de “Eu mereço”, podem estar mascarando um buraco chamado compulsão alimentar, e saltar fora dele, exigirá muito conhecimento sobre si, muita paciência e carinho com seu próprio eu – não no segmento mental, mas no sentir que o que há dentro de si não



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

REIS, Karina; VOLPI, José Henrique. Compulsão alimentar: a fome emocional. Uma abordagem reichiana no comportamento alimentar. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, p. 67-74. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

poderá ser curado com nada do que está fora, mas sim com o calor do amor que tanto busca, o qual deve ser em primeiro lugar dado de si para si mesmo.

REFERÊNCIAS

NAVARRO, Federico. **Caracterologia Pós-Reichiana**. 2013. Ed. Summus, SP

NAVARRO, Federico. **A Somatopsicodinâmica**. 2013. Ed Summus. SP

IOWEN, A. **O corpo em depressão**. São Paulo: Summus, 1983.

LOWEN, A. **Medo da vida**. São Paulo: Summus, 1986.

LOWEN, A. **O corpo traído**. São Paulo: Summus, 1979.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Taxas+Cesarianas**.
http://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=4815:declaracao-das-oms-sobre-taxas-de-cesareas&Itemid=821. Acesso em 27/01/2016

CLASSIFICAÇÃO DE ROBSON EM PROL DA REDUÇÃO DE CESARIANAS. 2014
Medidas +cesarianas. <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24892928>. Acesso em 27/01/2016

AUTORA e APRESENTADORA

Karina Reis / Curitiba / PR / Brasil

Graduada em Administração de Empresas (UTP), Coach (Sociedade Brasileira de Coaching), Terapeuta Rebirthing (Associação Brasileira de Respiração Consciente), Hipnoterapeuta (Instituto Rogério Castilho), Especialista em Treinamento Comportamental – Head Trainer (Instituto Massaru Ogata), Aromaterapeuta (Associação Brasileira de Aromaterapia), Terapeuta de Florais de Bach (Instituto Florais de Bach), Estudante da Especialização em Psicologia Corporal (Centro Reichiano), Estudante de Psicologia (UTP) Estudante da Especialização em Filosofia e Direitos Humano (PUC-PR). Sócia-idealizadora da Cannoh Desenvolvimento Humano.

E-mail: karinaareis@hotmail.com

ORIENTADOR

José Henrique Volpi / Curitiba / PR / Brasil

Psicólogo (CRP-08/3685), Analista Reichiano, Especialista em Psicologia Clínica, Anátomo-Fisiologia, Hipnose Eriksoniana e Psicodrama. Mestre em Psicologia da Saúde (UMESP), Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR). Diretor do Centro Reichiano-Curitiba/PR.

E-mail: volpi@centroreichiano.com.br